

**ENTRE ABUSOS SEXUAIS, AMEAÇAS, RESTRIÇÕES E
ENFRENTAMENTOS: uma análise antropológica das experiências violentas
vivenciadas por travestis em uma cidade interiorana potiguar¹**

Pietra Conceição Azevedo - UFRN/Brasil

Resumo: Esse *paper* faz parte das primeiras reflexões que estou tecendo para minha tese de doutorado, que se trata de uma etnografia sobre as travestilidades e violências de um contexto interiorano do Rio Grande do Norte. Todos os estudos acadêmicos recentes com enfoque nas travestis, produzidos nas duas primeiras décadas do novo milênio e inspirados nos trabalhos iniciais de Neuza Maria de Oliveira (1994), Hélio Silva (1993), Don Kulick (2008) e Marcos Benedetti (2005), sinalizam, em menor ou maior intensidade, a realidade violenta que atravessa a experiências dessas sujeitas em várias localidades do Brasil. No entanto, ainda são poucas as pesquisas densas e etnográficas sobre a temática das travestilidades e violências cotidianas. Provocada por essas questões e considerando a recente atenção sobre as relações de gênero e sexualidades dos contextos interioranos, discutirei acerca das experiências violentas descritas por três das minhas interlocutoras travestis, que residiam em uma cidade de médio porte localizada em um dos interiores potiguares. Para tanto, serão consideradas como interlocução as entrevistas semiestruturadas, guiadas pela “ética pajubariana” (Favero, 2020b), realizadas com essas sujeitas, bem como as observações que fiz durante a pesquisa de campo. A partir das “trajetórias de vida” (Bourdieu, 2006) que foram narradas, foi possível estabelecer análises antropológicas sobre o abuso sexual infantil de “crianças viadas”, as ameaças de cunho travestifóbico com arma de fogo, as restrições afetivas e de deslocamento, bem como, sobre as reações e os enfrentamentos a esses processos marcados por violências. Neste percurso analítico, foram consideradas as intersecções dos marcadores sociais da diferença de gênero, sexualidades, classe, raça, corpo e ocupação profissional.

Palavras-chave: Travestilidades; Violências; Contextos interioranos.

Notas iniciais

Em setembro de 2013 uma travesti professora de inglês foi “suicidada” em um quarto de motel às margens da BR-304 na cidade de Mossoró, um município interiorano de médio porte com cerca de 260 mil habitantes, localizado ao extremo oeste do estado do Rio Grande do Norte. O uso de termo “suicidada” está alinhado à reivindicação dos movimentos organizados de pessoas trans e travestis em utilizar nos seus documentos oficiais, o termo “suicidada/o” ao invés de “suicidou-se” para se referir aos casos de suicídio envolvendo essas pessoas, levando a dimensão do ato não apenas ao plano

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024). É importante pontuar que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

individual, mas, sobretudo ao sociocultural, bem como pensando que tal atitude muitas vezes é motivada pela transfobia e travestifobia.

O caso da travesti que foi “suicidada” em Mossoró evidencia essa premissa, já que esteve, também, relacionado à travestifobia, que é o ódio, aversão, discriminação e violências cometidas especificamente com travestis. Em um trecho da carta que ela publicou em seu *Facebook* algumas horas antes do ocorrido, tinha o seguinte desabafo: “canei dos julgamentos e das pedras que sobre mim foram atiradas (...) “não pedi pra nascer nem muito menos ser considerada um monstro como se eu tivesse algo contagioso”.

Em 2014, escrevi meu primeiro trabalho acadêmico sobre travestis analisando esse caso, que na ocasião pude apresentar no “Grupo de Trabalho (GT) - Violência Urbana”, coordenado pelo meu então orientador Elcimar Dantas Pereira, do “I Simpósio de Segurança Pública e Cidadania” da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Portanto, já nas minhas primeiras reflexões etnográficas, enquanto uma graduanda aspirante à antropóloga, a questão das violências contra as travestis esteve presente.

Posterior ao caso supracitado, acompanhei nos últimos anos, com a disseminação das redes sociais, outros casos de violências contra travestis que também vieram a público em Mossoró-RN, alguns deles mencionei, sem análise aprofundada, em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que teve por base uma pesquisa de campo etnográfica realizada entre julho de 2015 e setembro de 2017 com quatro travestis na mesma cidade (Azevedo, 2017).

Nesse período, anterior a minha autoreivindicação enquanto travesti, “o medo da violência contra travesti” foi um imperativo no meu processo de autorreconhecimento. “Violência”, “travesti” e também “medo” eram/são termos, por diversas vertentes, vistos como próximos. Minha mãe e muitas das mães das minhas interlocutoras recorrentemente falam sobre esse “medo da violência” sobre nós, algo que não me deterei nesse *paper*, mas que pretendo aprofundar na minha tese. Quando, em 2019, comecei a me autoreivindicar travesti passei a enxergar, na minha experiência cotidiana e ainda que de forma turva pelos “baques” que sofri, algumas das complexidades em torno dessa relação entre as violências e as travestilidades.

Eu fugia da temática da violência porque a princípio me parecia algo dada, sobretudo pelo fato de eu ser travesti e experienciar esse cotidiano violento, mas também por ouvir constantemente os desabafos e as reclamações das minhas amigas travestis

sobre situações de discriminação. Eu temia/temo, inclusive, acabar fortalecendo mais estigmas sobre nós, em que além de “prostitutas”, “agressivas”, “criminosas”, “figuras ambíguas”, passássemos a ser vistas como “coitadas” e “sofridas”. Para lidar com esse paradoxo, tentarei entender que o “ofício do etnógrafo ajuda a destruir as construções simbólicas feitas para criar imagens negativas do outro, principalmente as dos que se tornam os discriminados bodes expiatórios que carregam a culpa do mal no mundo” (Zaluar, 2009, p. 567), como é o caso de nós, travestis.

Neste sentido, esse *paper* faz parte das primeiras reflexões que estou tecendo para minha tese de doutorado, que se trata de uma etnografia sobre as travestilidades e violências de um contexto interiorano do Rio Grande do Norte. Todos os estudos acadêmicos recentes com enfoque nas travestis, produzidos nas duas primeiras décadas do novo milênio e inspirados nos trabalhos iniciais de Neuza Maria de Oliveira (1994), Hélio Silva (1993), Don Kulick (2008) e Marcos Benedetti (2005), sinalizam, em menor ou maior intensidade, a realidade violenta que atravessa a experiências dessas sujeitas em várias localidades do Brasil. No entanto, ainda são poucas as pesquisas densas e etnográficas sobre a temática das travestilidades e violências cotidianas.

Provocada por essas questões e considerando a recente atenção sobre as relações de gênero e sexualidades dos contextos interioranos, rurais e etnicamente diferenciados, discutirei acerca das experiências violentas descritas por três das minhas interlocutoras travestis, que residiam em uma cidade de médio porte localizada em um dos interiores potiguares. Para tanto, serão consideradas como interlocução tanto as entrevistas semiestruturadas, guiadas pela “ética pajubariana” (Favero, 2020b), realizadas com essas sujeitas, quanto as observações que fiz durante a pesquisa de campo.

A partir das “trajetórias de vida” (Bourdieu, 2006) que foram narradas, foi possível estabelecer análises antropológicas sobre o abuso sexual infantil de “crianças viadas”, as ameaças de cunho travestifóbico com arma de fogo, as restrições afetivas e de deslocamento, bem como, sobre as reações e os encontros a esses processos marcados por violências. Neste percurso analítico, foram consideradas as intersecções dos marcadores sociais da diferença de gênero, sexualidades, classe, raça, corpo e ocupação profissional.

Na sequência, apresento três discussões etnográficas que me possibilitam, ainda que de forma breve, refletir sobre essa relação complexa entre as travestilidades e o que estou denominando, por hora, como “violências”. Violências, aqui, é um termo guarda-

chuva para designar os processos discriminatórios, preconceituosos, restritivos e traumáticos de cunho literal e/ou simbólico vivenciados por nós, travestis.

“Eles vêm a nós pra abusar, geralmente, porque somos crianças viadas, afeminadas”:
reflexões sobre travestilidade e abuso sexual infantil

Nísya (nome fictício), uma travesti, branca, de 30 anos de idade que “transiciou”² na adolescência, trabalhadora autônoma no âmbito da beleza, residente de uma periferia, possui algumas modificações corporais para além da “hormonização” e é minha amiga de longa data, me relatou, na ocasião da entrevista que realizei com ela, o seguinte:

Uma vez um vizinho me pegou que eu sangrei. Eu lembro até hoje. Amiga, para você ver, eu era novíssima, eu lembro como se fosse hoje, eu pegava assim (movimento passando a mão entre as nádegas) e tava saindo sangue. E ele começando a rir da minha cara – “tá doendo?”. Agora eu era muito curiosa, sabe? Eu era uma criança, né?! É tanto que ele me botava de 4, amiga, ele sempre fazia isso, ele me botava de 4... lá era um quintal enorme e tinha tipo uns repartimentos, eu não sei para que servia, não sei se era viveiro ou algo assim... a gente ia para um desses. Aí eu ficava de costas e ele ficava atrás só fazendo... só que como eu era muito novinha e ele tinha necona [pênis grande no *pajubá*], porque era mais velho e tudo, ele não penetrava, eu num sentia nada, só ficava ali, mas eu não endurecia a neca [pênis no *pajubá*], não batia bolo, era uma criança, eu não tinha nem orgasmo, nem nada. Mas eu tinha aquela curiosidade de ficar ali. Desde nova eu tenho como se fosse uma vontade mesmo, sabe? Não sei se toda criança tem isso... Aí foi um dia, a última vez, ele penetrou, aí foi quando sangrou... Aí esse bofe [homem no *pajubá*], esses tempos, há uns dois anos atrás, ele veio atrás de mim no *facebook*, aí eu disse: “você lembra o que você fez comigo?”, “não, eu não lembro disso não” querendo fazer com a bicha [com ela], mas dizendo que não lembra, “lembra sim, lembra que você tá vindo atrás”. Hoje em dia ele tá bem velho, é até crente, evangélico... É uma coisa que fica marcado, eu tinha 7 anos de idade e ainda lembrar (entrevista realizada na residência de Nísya em março de 2024).

Após seu relato, aproveitei para compartilhar que também fui abusada sexualmente por vizinhos e um parente próximo, situações essas que também me marcaram muito e que tenho tentado lidar, mais de vinte anos depois, através da psicoterapia. Depois de me ouvir, reflexiva, ela me questionou: “amiga, será se é por isso que eu sou tão bloqueada para sexo?”, respondi que era possível que sim. Em seguida, ainda reflexiva com o meu relato, ela comentou: “eles têm esse olhar diferente pra gente, eles vêm a nós pra abusar, geralmente, porque somos crianças viadas, afeminadas, então eles já olham por esse lado”.

² “Transiciou” é um termo comumente utilizado para designar o período que marca o início da autoreivindicação enquanto travesti. Embora a ideia de “transição” implique um processo, ela passa a ser utilizada, muitas vezes, como um marco.

Aproveitei para questionar se ela contou a alguém, ela respondeu que não, porque “tinha muito medo de alguém descobrir”, apesar que, diz ela: “Eu acho que mãe já estava percebendo, na época ela dizia assim: se algum menino quiser baixar sua cueca para querer fazer alguma coisa, não deixe. Mãe é muito esperta, ela não é aquelas mães *avuadas*, que fantasiam”, na sequência, ela rindo, complementou: “mas não deu em nada, mulher, fiquei com vários vizinhos, mas da minha mesma faixa etária e não mais velhos como outro” [referente ao homem adulto que a fez sangrar com a penetração].

Nísya continuou tendo uma vida sexualmente ativa nesse período, passando a vivenciar um bloqueio sexual depois de muito tempo, diferente de Henryketa (nome fictício), uma travesti, negra, de vinte poucos anos de idade, que “transicionou” com um pouco mais de 15 anos, trabalhadora assalariada, moradora de uma periferia e que possuímos uma relação próxima. Henryketa também foi abusada sexualmente quando criança, mas após o ato demorou para se relacionar com outras pessoas, conforme me relatou na entrevista:

Ela: Eu tenho mais um irmão também, mas eu não considero porque ele me abusou.

Eu: Sexualmente?

Ela: Uhum!

Eu: Você era mais nova?

Ela: Isso, eu tinha uns 3 ou 4 anos de idade. Eu não tenho mais contato com ele, mas ele vive mandando mensagem para mim... Na época, quando eu falei para minha mãe eu tinha 11, aí eu pedi pra ela “mãe, não faça nada, eu só quero que a senhora saiba”. A primeira vez eu tinha 3 anos e ele 15 anos. Aí aconteceu. Que eu me recordo, foram duas vezes. Mesmo depois disso ele morou um tempão lá em casa, porque a mãe dele faleceu. Meu pai não sabe. Minha mãe, na época, ficou em choque. “Sério que aconteceu isso?” “é, mulher, não tem nem como eu inventar uma coisa dessa”.

Eu: Ela duvidou de você?

Ela: Não, ela não duvidou de mim. Ela ficou assim... passada. A senhora sabe, né?! Os homens vêm os trejeitos e se aproveitam disso... é tanto que muitas pessoas LGBTQs foram abusadas.

Eu: Isso te travou sexualmente?

Ela: Travou, é tanto que eu só fui ter segurança com o meu corpo só depois da transição [com 17 anos de idade]. (entrevista realizada na minha residência em março de 2024).

Os relatos de Henryketa e Nísya são ilustrativos diante dos casos recorrentes de abuso sexual infantil sofrido pela maioria das minhas interlocutoras. A maioria dos casos foram mencionados durante a realização das entrevistas semiestruturadas, mesmo não sendo uma das temáticas listadas anteriormente para o diálogo. Outros relatos, como os das interlocutoras supracitadas, foram revisitados algumas vezes durante a observação participante.

Nísyá, em uma de suas visitas à minha casa, retomou essa discussão enquanto conversávamos sobre “neconas” (pênis grandes no *pajubá*). Depois de alguns minutos dialogando sobre o assunto, ela me lançou a seguinte pergunta: “amiga, será se esse endeusamento que nós fazemos das neconas tá relacionado ao fato da gente ter tido, desde quando fomos abusadas, contato com necas maiores que as nossas?”. Na hora, não consegui desenvolver muito, apenas disse que até tinha sentido, mas fiquei refletindo sobre aquele questionamento, sobretudo, no decorrer da observação participante, onde o tema “neca”, ou melhor, “necona” era recorrente com ela e outras travestis. O parâmetro que criamos quando “crianças viadas” de pênis infantis nos relacionando sexualmente com homens adultos de pênis grandes reverbera em nosso desejo atual enquanto travestis adultas por pênis grandes? Ou será que somos apenas parte de um todo que é marcado pela interpelação hegemônica que centraliza o debate do pênis grande dentro do fetichismo, subjetividade e sexualidade humana?

“Criança viada” é um termo socialmente utilizado, ainda que informalmente, para designar as crianças nascidas com pênis que possuem trejeitos femininos. “Viado”, no contexto brasileiro, é uma forma de taxaço pejorativa comumente usada para se referir, sobretudo, à gays, passando a ser ressignificado por parte desses sujeitos. A feminilização dessa palavra – “viada” – associada a “criança” parte de uma tentativa de marcar as especificidades vivenciadas na infância de algumas pessoas que não são apenas homens cisgêneros gays. Para muitas travestis, conforme evidenciado pela literatura, “viadinho” corresponde ao período anterior a travestilidade. Antes de sermos travestis, muitas nos vemos e somos vistas como “viadinhos” ou simplesmente “viados”. Pensando nessa aproximação, Amara Moira (2023) escreve sobre como as travestis brasileiras prostitutas exportaram a palavra “viado” para a Itália (um dos principais *locus* da prostituição travesti na Europa), passando até a serem vistas com “viados brasileiros”.

Para além da complexidade do jogo entre os termos “travestis” e “viados”, o que me interessa aqui é pensar como a performance desses corpos, das “crianças viadas”, burla as fronteiras postas entre sexo, gênero e sexualidades (Butler, 2016), na medida em que essas crianças não são lidas apenas por um viés, tornando-as inelegíveis socialmente e até abjetas ou passíveis de violências. E por que não as enquadrar como “crianças trans” ou “crianças travestis”? Neste sentido, Sofia Favero (2020a, 157) lança uma série de questionamentos começando com: “o que diferencia uma criança viada de uma criança trans?”, listando outros em seguida e apontando para a possível capacidade que a infância, dessas pessoas, tem de borrar os marcadores sexuais e de gênero.

Por hora, o que me interessa é apresentar como Nísya e Henryketa acreditavam, conforme evidenciam os relatos acima, que o fato delas terem sido “crianças viadas” foi determinante para os abusos sexuais que sofreram, já que, de alguma forma na leitura delas, os seus abusadores miravam-nas por essa performance e até se aproveitavam disso para as violentarem sexualmente.

Ao resgatar suas memórias da infância em uma cidade interiorana do Ceará, Dediane Souza (2022) menciona como o fato dela ter sido uma “criança viada” a tornava mais vulnerável aos abusos e às violências sexuais. Mesmo ela não gostando de comentar sobre as suas primeiras experiências sexuais, pois “elas carregam dores, ilusões e são sempre um exercício de reviver experiências dolorosas de uma infância e uma adolescência marcadas pela falsa aceitação e abusos camuflados de desejos” (Souza, 2022, p. 31), a autora relata sua experiência com um primo mais velho e complementa dizendo que muitos desses atos abusivos são praticados por pessoas da família e da vizinhança e são até romantizados socialmente, a situando em um lugar desumanizador, como “um ser menos, um ser factível de ser apagável, violado” (Souza, 2022, p. 30).

Don Kulick (2008, p. 65), em sua etnografia considerada “clássica” nos estudos sobre travestilidades brasileiras, aponta que suas interlocutoras, já no final da década de 1990 em Salvador-BA, recordavam da “infância como um período marcado por jogos eróticos com outros meninos e atração sexual pelo sexo masculino, culminando sempre em uma série de experiências sexuais nas quais a futura travesti é penetrada por um menino mais velho ou por um homem adulto”. O autor não problematiza a questão geracional em torno do que ele denomina de jogos eróticos entre um “menino/futura travesti” e um “menino mais velho” ou “homem adulto”, tão pouco menciona a possibilidade de enquadramento dessa relação como abuso sexual infantil dessas “crianças viadas”.

Em seu livro de memórias “Eu, travesti”, a mineira Luísa Marilac, mais especificamente na seção intitulada “A pior surra da minha vida”, detalhou um abuso sexual que sofreu na infância, quando tinha 5 anos de idade, por parte de um homem que a fez sangrar, assim como ocorreu com Nísya, mas diferente dessa, Luísa decidiu contar para sua mãe, que ao invés de carícias te deu tapas e negações. O seu corpo, segundo discorre

fora arrebatado pela violência daquele homem e colocado de volta, em peças desconexas, pela reação da minha mãe. O homem parrudinho, então, não estava errado? Errada estava eu de quebrar o segredo sobre nossa intimidade? O que acontecera entre ele e eu era algo normal e secreto? Minha fuga da dor

foi a busca desastrada do prazer. Eu precisava me convencer de que o que acontecera tinha sido bom, tinha sido normal. Eu precisava reencontrar o sexo, rápido, com meus iguais (Marilac; Queiroz, 2019, p. 26).

Luísa, antes da consumação do ato, comenta que “aceitou” a investida inicial do homem que a convidou a sentar em seu colo porque era “curiosa”. De igual forma, Nísya, justifica, já no começo de seu relato, que “era muito curiosa” e que apesar de ainda nem sentir prazer “tinha aquela curiosidade de ficar ali”, “como se fosse uma vontade mesmo”. Diante dessas afirmações, me questiono se de fato haveria alguma “agência” dessas “crianças viadas” diante dessas relações sexuais com adultos ou se seria apenas uma forma delas ressignificarem esses processos abusivos e traumáticos?

Órgãos como o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF e o Anuário Brasileiro de Segurança Pública fazem pesquisas e análises dos registros de violência sexual, incluindo casos de estupro ou estupro de vulnerável, apontando para vários indicadores, como os lugares que ocorrem as violências, dos seus autores e do perfil das vítimas. No entanto, nenhuma atenção é dada para casos envolvendo “crianças viadas”, sequer é feito esse recorte. Nízya, Henryketa, Dediane, Luísa e eu somos de gerações, raças e localidades diferentes e fomos todas, assim como tantas outras travestis, atravessadas e marcadas pelo abuso sexual infantil, o que evidencia a perduração da violência sexual sobre nossos corpos.

***“Não venha pro ataque não, porque eu não vou deitar”*: breves apontamentos sobre ameaça com arma de fogo e reações das travestis**

Apesar de estar trabalhando com carteira assinada, Henryketa comentou que ainda fazia, vez ou outra, uns “PGs” (programa, ou seja, trabalho sexual remunerado no *pajubá*), sendo que esta foi sua principal fonte de renda durante um bom tempo. Ela aproveitou para narrar sobre sua vivência no “ponto” de prostituição de rua em Mossoró, falando que tinha sido “tranquilo, graças a Deus”, apesar da penação (remuneração baixa no *pajubá*), o que a fez ir poucas vezes. Um pouco depois dela ter deixado de frequentar o lugar, em novembro de 2021, período da pandemia da Covid-19 e do crescimento do bolsonarismo, ocupantes de um carro não identificado atiraram contra as travestis que estavam no “ponto” em questão. Depois desse dia, apesar das travestis não terem sido feridas, o “ponto” ficou em desuso e assim continua até o momento.

Ao conversarmos sobre o ocorrido, Henryketa argumentou que o perigo está em todo lugar e que qualquer pessoa pode cometer uma violência, até mesmo em um sinal de trânsito. Neste sentido, Don Kulick (2008, p. 31), aponta que “em razão dessa experiência quase diária com a discriminação e a hostilidade, travestis sempre esperam de qualquer desconhecido uma reação preconceituosa”. Em seguida, ela narrou uma experiência que teve com arma de fogo.

Ela: A última vez que eu sofri o que enxergo como um tipo de violência mesmo... assim, a que mais me chocou até hoje... Eu tenho um amigo cis hetero que não tem nenhum problema de tá andando comigo. Aí a gente decidiu tomar umas cervejas ali no 24 horas [conveniência]. Aí a gente foi pra lá, tomou umas cervejas. Quando a gente ia voltando, aí a gente parou no sinal e um “bofe” parou atrás da gente e ficou olhando. Ele olha, ele olha, ele olha... Aí quando o sinal tava perto de abrir, ele disse assim “vixe, tá só comendo o viadão”, aí eu me exaltei e disse “é o que, caralho?”, aí ele só tirou a arma pra fora, apontou a arma pra mim e disse “se você não sair daqui agora eu vou matar você, eu também como viado não tem pra que você me responder assim”. Meu amigo foi e acelerou a moto e eu fiquei só esperando os tiros assim [nesse momento ela fica estática e fecha os olhos]. Mas, graças a Deus, ele só foi embora.

Eu: Estranho que ele confessa que “come”, ao mesmo tempo que solta uma piada e ameaça.

Ela: É literalmente isso, amiga, o país que mais consome pornografia travesti é o que mais mata travesti. (entrevista realizada na minha residência em março de 2024).

Na sequência ela comentou que essa foi a única situação crítica que vivenciou relacionado a violência, mas que nunca sofreu agressão física e acredita que isso está relacionado à postura que assume.

Ela: Eu sou muito empoderada, eu sempre me coloquei no lugar que “porra, vocês não podem fazer nada comigo”, eu sempre me coloquei nesse lugar e também porque eu sou muito alta [ela tem mais de 1,80 metros], eu coloco medo. Tem até bicha que tem medo de mim, eu digo “calma, bicha, eu não vou fazer nada não, se manca, eu só quero irmandade”.

Eu: Então você acha que as bichas que apanham são as mais acuadas?

Ela: Não, não. Se comigo, com essa postura, pode acontecer, imagine com quem não corrige um pronome, com quem é xingada no meio da rua e não fala nada, sabe? Eu acho que se você permite pequenas coisas vai só crescendo.

Eu: Você se considera uma bicha agressiva, barraqueira, que fecha?

Ela: Não, mas não venha pro “atracado” (briga no *pajubá*) não, porque eu “não vou deitar” (confrontar no *pajubá*) ... [pausa reflexiva] É tanto que já cheguei a me colocar no lugar de culpa porque esse bofe levantou a arma para mim, porque eu fui “peitar” (enfrentar no *pajubá*) ele. Eu me coloquei no lugar de culpada... Por que eu só não ignorei? E não teria acontecido. Mas não, eu vou falar, a última palavra vai ser a minha. Eu peito mesmo. (entrevista realizada na minha residência em março de 2024).

Nísyta relatou que quando mais nova também “não deitava” (confrontava no *pajubá*), como Henryketa, mas que, “hoje em dia”, se um “bofe” (homem no *pajubá*) vem com “tiração” (provocar um desconforto no *pajubá*), ela procura resolver da melhor forma, pois, conforme pontuou: “eu não sou agressiva”. Aproveitei a deixa, para resgatar

uma de nossas conversas, do dia que saímos para beber, que ela tinha comentado de uma situação que tinha vivenciado com um “bofe armado”. Na ocasião, ela tinha ido para uma festa aniversário de um amigo gay, lá no bairro que moram, e que o aniversariante tinha um irmão “bofe” que levou seus amigos “bofes”.

Ela: Eu tava conversando com uma “racha” [mulher cis no *pajubá*], aí o “bofe” chegou. Não teve bateção de boca, o assunto foi esse com o bofe. Eu lembro que a racha falou “vamos fazer uma suruba, eu você e meu marido”, aí ele chegou no meio da conversa e disse, do nada, “você não é mulher não, você é homem... mostre aí a buceta para você provar que é mulher”, eu só disse que não era obrigada a mostrar porque “não estou pedindo para você mostrar seu pau pra você provar que você é homem”... (Aí depois ele falou para a bicha que pensou que eu tava chamando ele de viado, tudo eke [mentira no *pajubá*]). Aí ele, vrá [movimento de sacar arma do short].

Eu: E a senhora?

Ela: Eu fiquei CALADÍSSIMA [falando alto], mulher. Eu não barbarizei não, pelo contrário, eu fiquei em pânico, aí depois ele veio me pedir desculpa e eu não quis mais nem conversa. Aí a gente foi embora, porque virou uma briga generalizada. Teve o bate-boca. As gays foram pra cima, as rachas também foram pra cima. Os bofes viram e foram me defender, eu achei tudo quando um bofe falou “você colocou uma arma na cara de uma mulher, isso não se faz não, seu covarde” [neste momento os olhos dela brilharam de euforia]... foi briga de rolar no chão, pra você ter noção. Eles eram todos amigos, mas aí quando começa a beber, tu já sabe, né?! querem só um pezinho pra arrumar briga.

Eu: Mas eram “magiclim” (marginal no *pajubá*)?

Ela: Não, mulher, ave maria, eram cafiçus (homem comum no *pajubá*). Eu nunca que ia imaginar que o bofe ia tirar uma arma ali, o povo super de bem. Quando começou o “ataque” (briga no *pajubá*) entre eles, eu fiquei vendo tudo passando na minha frente... era como se a confusão não fosse mais comigo... Eu tava bêbada, do jeito que eu tava eu não me assustei. Eu fiquei tranquila e calma. Minha preocupação era de saber do babado que no outro dia ia tá os comentários. Meu medo era das pessoas acharem que fui eu quem provocou, porque é a travesti quem provoca, é a travesti que é a briguenta, né?! Eu não chamei a polícia justamente por isso, porque ela ia chegar e ia me enquadrar “o que foi que você fez?”, e é aquela coisa, amiga, bofe com bofe eles se resolvem, se ajudam, eles são unidos. Já com a bicha, eles iam ficar com deboche por trás, entendeu? a risadinha... eu não gosto, amiga. Por isso eu preferi ir embora. (entrevista realizada na residência de Nísya em março de 2024).

Apesar das especificidades, sobretudo nas formas de reação, enfrentamento e desdobramento, os relatos de Henryketa e Nísya se cruzam quando as ameaças que sofreram com o uso de arma de fogo tiveram por base comentários travestifóbicos. As expressões “comendo o viadão” e “você não é mulher, você é homem” deixam explícito a “tiração” (provocação um desconforto no *pajubá*) cujo sustentáculo é a travestifobia. O simples fato delas terem rebatido, em tons diferentes, os comentários ofensivos foi motivo para que os sujeitos tenham apontado uma arma de fogo para elas.

Henryketa, em um determinado momento, se colocou como culpada, disse que poderia ter simplesmente ignorado e evitado o susto que poderia ter lhe tirado a vida, no

entanto, ela acredita que quando uma travesti “não peita”, permite que essa discriminação cresça, por isso prefere “não deitar” indo sempre para o “atraso”. Nísya, ainda que de forma mais branda, também rebateu, mas sua maior preocupação era de as pessoas acharem que ela era a culpada, porque “travesti é quem provoca”, “travesti que é briguenta”. Nos dois casos, por vias distintas, a associação estigmatizada entre travestis e agressividade ou reatividade é patente, se por um lado, uma não quer ser vista como “briguenta”, a outra prefere ser “empoderada” e “colocar medo”.

Em uma tarde de abril de 2024, enquanto tomávamos café em uma lanchonete próxima de sua casa, Nísya apontou para uma oficina que ficava a uma quadra de onde estávamos e narrou que outro dia passou lá em frente e tinha alguns homens conversando cujo diálogo estava sendo intencionalmente feito para que ela pudesse escutá-lo: “é um viado, olhe aí!”, disse um dele, “é não, homem” outro replicou, aí outro complementa: “então fique na frente dela para você ver”. Ao terminar de reproduzir os comentários, Nísya, eufórica e batendo palmas, me disse: “Biiiiicha, eu fico louca pra voltar, para fechar [diminuição da euforia] Mas aí é muito bofe, amiga, eu não vou. A gente tem que saber com quem a gente fecha, porque hoje em dia é um babado desse que a gente morre”. Se antes, ela tinha mencionado, na entrevista, que preferia não confrontar para não ser vista como “briguenta”, aqui ela abre a possibilidade de “fechar” (confrontar exitosamente no *pajubá*), ainda que de forma estratégica. Em outro momento, durante a entrevista, ela pontuou: “a vida a gente só tem uma. Não dá pra gente ser a fodona não e dizer assim “eu vou bater de frente com deus e o mundo”, como Fulana faz, “e não importa quem seja”. “Bicha, você vai morrer”, porque a gente que não bate de frente a gente morre, imagine uma pessoa que quer dar uma de mulher maravilha”. É importante mencionar, que entre Nísya e Henryketa há uma diferença de quase de anos de idade. Talvez o recorte geracional seja crucial para pensar as reações delas frente aos processos de violências cotidianas.

A frase “é um babado desse que a gente morre” está correlacionada aos dados estatísticos produzidos pelo movimento social organizado, que evidenciam a famosa frase “o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo” e apontam que estamos no topo do *ranking* mundial dos assassinatos dessa população pelo 14º ano consecutivo (Benevides, 2023; Araújo; Nogueira; Cabral, 2023). É inquestionável, diante das notícias quase diárias de mortes de pessoas trans e travestis, sobretudo essas últimas, que acompanhamos uma necropolítica (Mbembe, 2012) de corpos enquadrados como

descartáveis, supérfluos e abjetos (Butler, 2016), cuja ontologia corporal é perpassada por uma precarização que desconsidera nossas vidas como vivíveis (Butler, 2015).

Se, por um lado, esses dados esbracham e denunciam a violência homicida que acomete principalmente travestis negras prostitutas de rua, nos colocando sempre em atenção, por outro, eles podem findar alimentando um medo exacerbado em nós e nas pessoas que nos amam (como nossas mães, por exemplo, que sempre os mencionam), nos privando de experienciar lugares, situações e momentos.

Antes de apresentar a última discussão, que está relacionada a essa privação, retomo algumas frases das interlocutoras para indagar: O que se camufla por detrás da premissa de que os “bofes que nos desejam são os mesmos que nos matam”? Quais implicações estão subjacentes a compreensão que a polícia ao invés de ajudar contribuiria com a marginalização das travestis? Por que Henryketa precisou mencionar que seu amigo cis hetero não tinha “problema em está andando com ela”? Por que Nísya ficou tão eufórica ao comentar que os “bofes” foram defendê-la?

***“Eu não deixo de circular, eu nunca deixo meu medo me privar de viver uma coisa nova, de conhecer um lugar novo”*: discutindo restrições afetivas e de deslocamento**

A centralidade do desejo para a construção das identidades travestis, já vem sendo assinalada desde trabalhos “clássicos”, como o de Kulick (2008). Em junho de 2024, período de forte movimentação na região por conta da festividade Mossoró Cidade Junina, estive acompanhando, em um dos dias de festa, a interlocutora Alzyra (nome fictício). Ela era uma travesti, branca, que tinha um pouco mais de 20 anos de idade e tinha “transicionado” há mais ou menos 4 anos, era trabalhadora assalariada, moradora de uma periferia e que nos aproximamos após realização da entrevista.

Em um determinado momento da festa, dois “bofes” se aproximaram e ficaram relativamente próximos de onde estávamos, um deles paquerava, com troca de olhares, Alzyra. Em um determinado momento, ele a chamou. “Amiga, eu não vou, eu tenho medo”, me disse ela, um pouco aflita. “Vá, mulher, vá saber o que o bofe quer. Ele não vai fazer nada contigo, estamos todos aqui perto”, comentei. Ela decidiu ir, conversaram um pouco e de repente ela voltou. “Ele queria me beijar”, disse. “E por que não beijaram?”, perguntei. “Eu não beijei porque fiquei com medo dele não saber que sou travesti”, respondeu decepcionada. Em seguida ela passou a desabafar que se sentia muito insegura, que tinha a autoestima baixa e que tinha medo de paquerar os bofes e sofrer

violência. Alzyra passou a recontar e reavaliar aquele momento, por vezes arrependida “porque era só um beijo, né?!”, por outras aliviada “vai que o amigo dele “catasse” (notasse que ela era travesti no *pajubá*), dissesse a ele e ele me batesse. Foi melhor assim”.

Enquanto conversávamos na varanda de sua residência, em janeiro de 2024, Nísya desabafou dizendo que estava com bloqueio emocional, descrevendo que seus problemas de autoestima estavam tanto a impedindo de sair de casa para socializar, quanto de paquerar com os bofes. Durante a entrevista que a fiz, ela tocou novamente no assunto:

Eu estou com um bloqueio emocional, de eu tá me questionando o que tem de errado em mim. Eu esses dias bloqueei uns três bofes que eu tava conversando, uma conversa maravilhosa. Não tinham feito nada de errado, aí eu simplesmente fiquei pensando... não, esse bofe vai me ver pessoalmente e não vai gostar porque eu estou feia, porque estou gorda, porque estou velha com 30 anos já... Eu já tava com aquela crise, sabe? da velhice... Eu sempre fui muito segura de mim... Quando eu atendia os clientes, eu chegava no motel e nunca tive problema de dizerem que não parece [com as imagens que ela colocava nos anúncios virtuais de prostituição travesti]... Mas hoje em dia eu estou com esse bloqueio babado... de me questionar... aí tem meu peso. Mas agora eu estou indo finda a força pros barzinhos (entrevista realizada na residência de Nísya em março de 2024).

Sair de casa e paquerar presencialmente, sem ter a preocupação de ter a projeção virtual, foi um caminho construído por ela a fim de romper com o bloqueio que a impedia de se relacionar com os “bofes” e de circular pela cidade. A dimensão geracional e a gordofobia também a atravessava nesse processo de construção de sua segurança com seu próprio corpo.

Em maio de 2024, eu estava em uma festa eletrônica acompanhando Henryketa. Enquanto dançávamos e conversávamos, dois “bofes” passaram nos olhando, pararam próximos e a chamaram. “Amiga, eles estão te chamando, a senhora vai?”, indaguei. “Não sei, amiga, vai que é tiração. Não estou a fim não, tô de boas”, respondeu enquanto rimos juntas da situação. “Se eles quiserem que venham aqui”, complementou. Logo em seguida, eles vieram e um cochichou no ouvido dela, também não consegui ouvir o que ela falou, mas eles partiram. “Estavam procurando um amigo que temos em comum... esses bofes são cheios de pantim, mulher, pensei que fosse uma linha (esquema no *pajubá*)” me disse finalizando o assunto, enquanto rimos novamente. O receio de ser “tiração” e o “pantim” sublinham relações que pareciam ser comuns para ela, conforme a naturalidade que falou.

As narrativas de Alzyra, Nísya e Henryketa evidenciam as complexidades em torno de suas construções afetivas e amorosas, sobretudo no âmbito público, por serem travestis. Os receios e conseqüentemente as armaduras por elas forjadas fazem partes de

estratégias de sobrevivência e sinalizam para as restrições que vivenciam cotidianamente no acesso aos afetos e até aos lugares.

Estive acompanhando Alzyra em uma praça central da cidade que era bastante badalada e repleta de estabelecimentos comerciais. Tínhamos combinado de irmos jantar, era maio de 2024. Após comermos, decidimos ir em um outro estabelecimento atrás de uma sobremesa. Nesse trajeto, notei que ela estava andando muito rápido e decidi perguntar se tinha acontecido algo, ela então seriamente me respondeu “são os olhares, amiga. Me sinto desconfortável, ando rápido para evitar... são como se fossem olhares de julgamento, olhares de opressão”. Por um momento fiquei em silêncio, porque entendia aquele sentimento, mas consegui reagir dizendo “te entendo, tem dias que é “uó” (algo ruim no *pajubá*), que não conseguimos fazer a “kátia cega” (fazer de conta que não viu no *pajubá*), né?!” Ela concordou com a cabeça e disse: “amiga, tem dias que eu ando de cabeça baixa para evitar de perceber os olhares. Já teve vezes deu tropeçar e cair, acredita, bicha?”.

Sobre esses olhares, Nísya, em sua entrevista, pontuou:

Eu não sinto essa repressão. Atualmente acho que a gente não sente tão evidente não, mas eu ainda vejo que é um povo de mente muito fechada. Aqui, por exemplo, é um bairro que tem muitas travestis que vêm de outros bairros... Quando a gente chega num barzinho, aí o povo para e fica olhando... aquela coisa que a gente sabe que acontece. Aí eu sinto que é um povo que conviveu pouco com pessoas trans. (entrevista realizada na residência de Nísya em março de 2024).

Em outros momentos, tanto Nísya quanto Alzyra já tinham desmarcado compromissos comigo com a justificativa de que não estavam em seus melhores dias para lidar tranquilamente com os olhares invasivos. Portanto, tais olhares, por mais simples que pareçam, as restringiam, em determinados momentos, de circular pelo bairro e pela cidade. Henryketa, por outro lado, ao assumir uma postura mais combativa, conforme já mencionado, foi enfática em dizer que:

Eu não deixo de circular, eu nunca deixo meu medo me privar de viver uma coisa nova, de conhecer um lugar novo. Eu não tenho receio de tá em lugares, eu vou mesmo. Agora assim, eu evito ir sozinha, tanto pela questão da segurança como pra ter alguém com quem conversar, fumar um e tals. (entrevista realizada na minha residência em março de 2024).

Mesmo confessando ter medo, ela não se privava de circular pela cidade. De fato, ela foi a única das interlocutoras que nunca desmarcou um compromisso comigo, que sempre estava em deslocamento pela cidade, a experienciando, mesmo que acionando suas estratégias, como o fato de estar sempre acompanhada de amigos e amigas.

Considerações parciais

Este estudo etnográfico sobre as experiências violentas vividas por travestis em uma cidade interiorana do Rio Grande do Norte revela a complexidade e a intensidade das discriminações enfrentadas por essas sujeitas. As narrativas apresentadas destacam como os processos de travestifobia, gordofobia, racismo e outras formas de opressão se entrecruzam, gerando uma realidade permeada por abusos sexuais, ameaças de violência física e restrições afetivas e de deslocamento.

As entrevistas e observações de campo evidenciam também as estratégias de resistência e enfrentamento desenvolvidas pelas travestis para lidar com tais violências vivenciadas em cotidianos distintos. A postura combativa de Henryketa, por exemplo, contrasta com as ponderações de Nísya e as limitações impostas pelo medo e pelos olhares invasivos enfrentados por Alzyra, demonstrando a diversidade nas formas de reação.

Este *paper* é um primeiro arranjo das inquietações iniciais de uma pesquisa sobre as travestilidades e as violências cotidianas vivenciadas por travestis em uma cidade interiorana nordestina, buscando contribuir, de alguma forma, tanto com o debate sobre segurança pública, direito à cidade, etc. quanto com os conhecimentos que veem sendo construídos por/para/com travestis em diferentes contextos do Brasil.

Referências

ARAÚJO, Tathiane Aquino; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim; CABRAL, Euclides Afonso. **Registro Nacional de Assassinatos e Violações de Direitos Humanos das Pessoas Trans no Brasil em 2022**. Série Publicações Rede Trans Brasil, 7a. ed. Aracaju: Rede Trans Brasil, Uberlândia: IBTE, 2023.

AZEVEDO, Pietra. “**Travesti não é bagunça**” - etnografia da performance identitária das travestis no contexto urbano mossoroense. 2017. Monografia (Graduação em Ciências Sociais - Bacharelado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, Mossoró/RN, 2017.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita**: o corpo e o gênero das Travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*. AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra** - quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FAVERO, Sofia. **Crianças trans**: infâncias possíveis. Salvador: Editora Devires, 2020a.

FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, Natal, v. 7, n. 12, p. 1-22, 27 fev. 2020b.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. **Eu, travesti**: memórias de Luísa Marilac. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica, una revisión crítica. *In*. GREGOR, Helena Chávez Mac (Org.). **Estética y violencia**: Necropolítica, militarización y vidas lloradas. México: UNAMMUAC, 2012.

MOIRA, Amara. **Travestis exportaram a palavra "viado" pro italiano**. Blog - Fatal Model: 06 de outubro de 2023. Disponível em: <https://fatalmodel.com/blog/colunistas/travestis-exportaram-a-palavra-viado-pro-italiano/>

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará - ISER, 1993.

SOUZA, Dediane. **“Dando o nome”**: eu e Dandara na construção de narrativas de humanidades de travestis em Fortaleza-CE a partir da cobertura do jornal O Povo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia. Fortaleza-CE, 2022.

ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Mana**, v. 15, n. 2, p. 557–584, out. 2009.